

Escritas amefricanas: diálogos entre Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga

Escritas amefricanas: diálogos entre Ana Maria Gonçalves y Luz Argentina Chiriboga

Amefrican writings: dialogues between Ana Maria Gonçalves and Luz Argentina Chiriboga

Júlia Dias da Silva¹

Resumo

Com base na ideia de que a literatura produzida por escritoras negras conduz a experiências subjetivas, remonta às memórias – individuais e coletivas – de mulheres negras e cumpre deveres identitários, coletivos e políticos, este artigo reflete acerca das possibilidades de leitura de duas obras que recontam o sistema colonial escravagista, relatam a desumana travessia forçada (África-América), explanam sobre as rupturas culturais e familiares de africanas/os sequestradas/os em África e escravizadas/os nas Américas, expõem as lutas do povo negro. E que, sobretudo, dão visibilidade às mulheres negras protagonistas de histórias individuais e coletivas. A produção intelectual e literária de mulheres negras – aqui representada por Ana Maria Gonçalves (Brasil) e Luz Argentina Chiriboga (Equador), que embora produzam em países distintos, aproximam-se pelas cicatrizes da colonialidade em toda a América –, reconstrói vivências e aciona memórias coletivas do passado escravocrata e do presente que herdou a estigmatização dos corpos negros privados de identidade social, intelectual e cultural. Assim, a recriação das narrativas e das imagens do povo negro, desvinculada do padrão hegemônico que desumaniza e aniquila nossa (re) existência, constitui uma força-motriz para resgates históricos, representações identitárias e protagonismo negro. Para tanto, cabe neste estudo aproximar as afrografias tecidas em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga, destacando, deste modo, os movimentos insurgentes de escritoras negras que apontam aos processos de autoidentidade, identidade coletiva, dores e lutas da (re) existência do povo negro na afrodiáspora.

Palavras-Chave: Afrodiáspora; Amefricanidade; Ana Maria Gonçalves; Escrita de mulheres negras; Luz Argentina Chiriboga.

Resumen

Partiendo de la idea de que la literatura producida por escritoras negras conduce a experiencias subjetivas, se remonta a la memoria – individual y colectiva – de la mujer negra y cumple deberes identitarios, colectivos y políticos, este artículo reflexiona sobre las posibilidades de la lectura de dos obras que relatan el sistema colonial de esclavitud, denuncian el cruce forzado inhumano (África-América), explican los trastornos culturales y familiares de africanos secuestrados en África y esclavizados en las Américas, exponen las luchas de los negros. Y, sobre todo, dan visibilidad a las mujeres negras que son protagonistas de historias individuales y colectivas. La producción intelectual y literaria de la mujer negra – representada aquí por Ana Maria Gonçalves (Brasil) y Luz Argentina Chiriboga (Ecuador), quienes aunque producen en diferentes países, están unidas por las cicatrices de la colonialidad en toda América –, reconstruye vivencias y desencadena memorias colectivas del pasado esclavista y del presente que heredó la estigmatización de cuerpos negros privados de identidad social, intelectual y cultural. Así, la recreación de las narrativas e imágenes del pueblo negro, desconectado del patrón hegemónico que deshumaniza y aniquila nuestra (re) existencia, constituye un motor de rescates históricos, representaciones identitarias y protagonismo negro. Para ello, es oportuno en este estudio reunir las afrografías tejidas en *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, y *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga, destacando de este modo los movimientos insurgentes de escritores negros que apuntan a los procesos de la identidad propia, identidad colectiva, dolores y luchas por la (re) existencia de los negros en la afrodiáspora.

¹Doutoranda em Literatura e Cultura; Universidade Federal da Bahia - UFBA; Salvador, Bahia, Brasil; E-mail: julia.ddias@gmail.com

Palabras claves: Afrodiáspora; Amefricanidad; Ana Maria Gonçalves; Escritura de mujeres negras; Luz Argentina Chiriboga.

Abstract

Based on the idea that the literature produced by black writers leads to subjective experiences, goes back to the memories – individual and collective – of black women and fulfills identity, collective and political duties, this article reflects on the possibilities of reading two works that retell the colonial slave system, report the inhumane forced crossing (Africa-America), explain about the cultural and family disruptions of Africans kidnapped in Africa and enslaved in the Americas. And, above all, they give visibility to black women who are protagonists of individual and collective stories. The intellectual and literary production of black women – here represented by Ana Maria Gonçalves (Brazil) and Luz Argentina Chiriboga (Ecuador), who although they produce in different countries, are brought together by the scars of coloniality throughout America –, reconstructs experiences and triggers collective memories of the slave and past from the present that inherited the stigmatization of black bodies deprived of social, intellectual and cultural identity. Thus, the recreation of the narratives and images of the black people, disconnected from the hegemonic pattern that dehumanizes and annihilates our (re) existence, constitutes a driving force for historical rescues, identity representations and black protagonism. To this end, it is appropriate in this study to bring together the afrographs woven in *Um defeito de cor*, by Ana Maria Gonçalves, and *Jonatás y Manuela*, by Luz Argentina Chiriboga, that way highlighting the insurgent movements of black writers that point to the processes of self-identity, collective identity, pains and struggles of the (re) existence of the black people in the aphrodiáspora.

Keywords: Amefricanidad; Aphrodiáspora; Ana Maria Gonçalves; Black women writing; Luz Argentina Chiriboga.

1. Considerações iniciais: escritas afrodiáspóricas

Tecer com palavras novas possibilidades, resgatar memórias a partir da ancestralidade, (re) criar e (re) configurar novos imaginários a partir das epistemologias vindas de África e assentadas na afrodiáspora. Tendo em vista a possibilidade de uma analogia entre palavra e movimento, torna-se considerável que as afrografias (MARTINS, 1997) de sujeitas e sujeitos afrodiáspóricos possibilitam uma condução para agir e modificar a realidade. Neste artigo, objetivo analisar as escritas amefricanas de Ana Maria Gonçalves e de Luz Argentina Chiriboga, a partir de breves recortes de duas obras destas mulheres negras que produzem literatura no Brasil e no Equador, respectivamente, que são contadoras de histórias ancestrais e que reconfiguram, a partir da artesanaria de suas palavras, olhares e saberes sobre as identidades e culturas afroamericanas.

Cabe salientar que a leitura das obras aqui apresentadas está embasada, sobretudo, no conceito de Amefricanidade da filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez. Este conceito diz respeito às experiências partilhadas entre mulheres negras e homens negros em diáspora e entre mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial na América Latina. Assim, a Amefricanidade:

Resgata uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formam numa determinada parte do mundo. Portanto, a América, enquanto sistema etno-geográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos

antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo (GONZALEZ, 1988, p. 77).

Desse modo, conforme Lélia Gonzalez (1988, p.78), “enquanto amefricanos, temos nossas contribuições específicas para o mundo pan-africano. Assumindo nossa Amefricanidade podemos ultrapassar uma visão idealizada, imaginária ou mitificada da África”. Segundo a escritora e antropóloga afro-costa-ricense Shirley Campbell Barr, a discussão em torno da diáspora afro-latino-americana adquiriu notoriedade nos anos de 1980, assim “temas relacionados à diáspora começaram a ganhar visibilidade a partir do reconhecimento, pelos nossos países, da presença de grupos diferenciados em toda a América Latina (BARR, 2017, p.21). As escritoras apresentadas neste artigo, portanto, são insurgentes e se valem de estratégias de seus corpos-negros-memória e de suas negras-escritas para visibilizar, cada vez mais, as memórias, as presenças, as identidades, as subjetividades do povo negro na diáspora africana, contribuindo, desta forma, para a emancipação negra, em especial de mulheres negras, e para a agregação de valores de caráter simbólico nos imaginários culturais, literários, políticos no contexto latino-americano.

Embora sejam consideráveis as diferenças entre Brasil e Equador, países atravessados por questões socioculturais distintas, Gonçalves e Chiriboga narram histórias comuns à escravização e às consequências da colonização que perduram até hoje nas Américas. Para além das fronteiras, negras e negros tiveram experiências coletivas de discriminação, subordinação e estigmas (BARR, 2017). Esta discussão justifica-se a partir do que afirma Gonzalez:

Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. [...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a “superioridade” branca ocidental à “inferioridade” negroafricana (GONZALEZ, 1988, p.121).

É notável que os processos de invisibilidade rompidos por Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga compreendem uma ação política que coloca mulheres negras como sujeitas de suas múltiplas histórias e contêm um discurso que subverte hegemonias colonialistas. A escolha destas produções literárias tem caráter relevante, visto que tais obras e escritoras apresentam denúncias, questionamentos e reivindicações apontadas secularmente por mulheres negras em diferentes espaços-tempo. Assim, Ana Maria Gonçalves e Luz

Argentina Chiriboga fazem parte de um rol de mulheres negras que expõem, por meio de suas escrituras, as violências da colonização, o racismo, os mecanismos de sobrevivência e (re) existências e as formas de afetividade de pessoas negras.

Desta forma, nesta análise, considero que as tessituras literárias de Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga, ao personificar, em especial, Kehinde (*Um defeito de cor*, Brasil, 2006) e Jonatás (*Jonatás y Manuela*, Equador, 1994) nos conduzem ao (re) encontro com mulheres negras que, inseridas no contexto de escravização, subvertem expectativas e imposições sociais. Ademais elas fazem parte de um caleidoscópio de mulheres negras que se (re) inserem e se (re) significam na sociedade amefricana de maneira atemporal, uma vez que apresentam epistemologias e ações políticas de [auto] afirmação e reconhecimento de corpos negros urgentes ainda atualmente, considerando o que a filósofa Sueli Carneiro afirma:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão (CARNEIRO, 2003).

À vista disso, sinalizo confluências nas obras que são corpus desta análise, visto que elas se entrecruzam de forma heterogênea e transcultural, considerando que há intersecções de raça, gênero e classe advindas da colonialidade. As ideias acerca de colonialidade e de gênero, discutidas pela socióloga e ativista feminista argentina María Lugones, nos remetem à reflexão sobre hierarquia e [tentativas de] silenciamento por parte da hegemonia euro-brancocêntrica colonializadora. Segundo Lugones:

Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas - como animais, incontavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. A imposição dessas categorias dicotômicas ficou entrecida com a historicidade das relações, incluindo as relações íntimas (LUGONES, 2014, p.936).

Sendo assim, é possível enunciar que escritoras como Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga rasuram imposições de tais categorias dicotômicas, rompendo fronteiras do ser-existir negro por meio de textos-tecidos. Em relação à produção e notoriedade de Chiriboga, Sandra Carbajal pontua que:

[...] Chiriboga sería el equivalente a la escritora Conceição Evaristo de Brasil. Ella estuvo nominada a tener un puesto en la Academia Brasileña de Letras (ABL) en el 2018, pero se lo negaron. Argentina sería una figura parecida, debido a la similitud en perspectiva que desarrolla sobre el protagonismo del rol constructor y transformador de las mujeres en general, no solo de las afrodescendientes. Se debería situar a Luz Argentina en el campo de la literatura en general y dejar de encasillarla en la denominada literatura afro. Su impacto tiene que ver con reconstruir y reformular una narrativa de la historiografía, específicamente de la independencia y de los fundamentos del republicanismo en América Latina y el Caribe (CARBAJAL, 2020, p.119).

Subvertendo a [i]lógica colonial, as afrografias de mulheres negras elucidam a forma como a diáspora africana reconfigurou a vivência de corpos negros por conta das consequências da escravização. Para a escritora negra, segundo Reis (2017, p.91), “a escrita é um ato de interpretação antropofágica que se manifesta como resistência aos diversos processos de subalternização ao qual seu corpo foi submetido ao longo de sua história”. Rompendo paradigmas e comprometida com a recuperação das identidades individuais e coletivas, a literatura escrita por mulheres negras na América Latina ultrapassa fronteiras, assume-se como porta-voz de pautas dos povos negros e carrega a responsabilidade de contar as nossas histórias e, a partir delas, descolonizar saberes. Para Barr (2017, p.31):

A história da literatura escrita por negros na América Latina é apenas a manifestação da história dos povos negros na região. É um processo que implicou o despertar de uma consciência que havia se tentado aniquilar por séculos. A literatura tem sido utilizada por povos da diáspora afro-latino-americana como um instrumento de luta política e reivindicação.

Um defeito de cor e Jonatás y Manuela aproximam-se por trazer à baila as memórias inscritas no corpo-negro-documento (NASCIMENTO, 1988). Escritas sob este prisma partilham do que aponta Leda Maria Martins (1997, p.67):

Corpo e memória são os atavios que tecem o corpo alterno e alternativo dessa escritura. Ali, em contrapontos, contraltos, sussurros, sobretons, a negrura jubilosamente se ostenta, como fios de uma linguagem que reinaugura, em cada pulsação rítmica, em cada expressão figurada, em cada gesto textual, as sete faces dessas silhuetas desdobráveis [...]. E são nesses ambientes de memória que o corpo se transveste em letra e esculpe uma produção literária singular.

Ademais estas obras podem ser compreendidas a partir do que a doutora em Estudos Literários e professora Florentina Souza afirma acerca da literatura produzida por escritoras/es negras/os:

A memória é retomada como tema literário, relida em uma chave contemporânea que não apaga o seu tom de resistência e preservação identitária e interessa-se em criar outras vias de preservação e/ou resgate da tradição. A literatura é entendida como trabalho de paciente escavação lírica, fincada na beleza e na memória, atingida através de um aprendizado criativo das tradições de cantos e contos, saberes e história (SOUZA, 2008, p.31).

Desta maneira, é possível sinalizar que os textos literários produzidos por mulheres negras em diferentes países – neste caso, Brasil e Equador –, com suas especificidades, aproximam-se na experiência de colonização no continente americano e se configuram como um movimento de mulheres negras descolonizado, com o intuito de restituir memórias que, conseqüentemente, implicam o reconhecimento de suas identidades.

2. Escrivências de mulheres negras na América Ladina

A escrita de mulheres negras aponta para a reflexão em torno do discurso da negritude, para o corpo negro enquanto enunciador e para a compreensão acerca da diferença entre teoria e experiência. É neste lugar que as negras-vozes-escritas rompem com o paradigma [branco] estabelecido. São atos políticos, sociais, culturais e literários que nos libertam de padrões desumanos e estereótipos. Para a escritora Miriam Alves:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

Ana Maria Gonçalves, em *Um defeito de cor*, e Luz Argentina Chiriboga, em *Jonatás y Manuela* traçam panoramas acerca da história da escravização nas Américas, bem como as formas como mulheres afrodiáspóricas articularam-se contra a agregação de forças do sistema escravocrata que incidiu sobre os corpos negros. Estas obras, enquanto documentos literários, reconstróem uma representação de passado infringido nos corpos-memória e nos processos diaspóricos de Kehinde e Jonatás, respectivamente, que contribuem para um imaginário expressivo de presente para mulheres negras.

O conceito de escrivência, cunhado pela escritora e Doutora em Literatura Comparada Conceição Evaristo, abarca as produções literárias de Ana Maria Gonçalves e Luz

Argentina Chiriboga, pois estas são escritas que envolvem as experiências de vida de pessoas negras. Consoante a escritora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.11).

A escrevivência é, destarte, lugar de ação epistêmica e política, posto que cabe a ela “tomar o lugar da escrita como direito, assim, se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2007).

De acordo com a pesquisadora Fernanda Miranda, a escrevivência:

articula em seu bojo uma dialética estratégica entre escrita e experiência. Estratégica, justamente porque se destina a enunciar tessituras de sujeitos que têm sido mantidos em silêncios, e cujas experiências não são vertidas em arquivos [...]. E também porque gera um espaço de reflexão sobre o fundamento da escrita na organização subjetiva das mulheres negras. Trata-se de um conceito que alça a escrita como uma performance de retomada de posse da própria vida e da história e, por estes motivos, se aproxima e conversa com inúmeras produções literárias de mulheres que têm articulado escrita e poder em múltiplas localidades do globo (MIRANDA, 2019, p. 272).

As escritoras Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga, ao serem questionadas sobre o papel da literatura e de suas obras, de forma recorrente, assinalam que as suas produções literárias têm o propósito de reelaborar fatos históricos que sofreram apagamentos. A condição de mulheres e negras aciona, nas escritoras e nas leitoras e leitores, conhecimentos e reconhecimentos de histórias e de memórias.

Ana Maria Gonçalves, por exemplo, afirma ter escrito o livro que ela gostaria de ter lido, deste modo, ao revisitar e pesquisar a história das/os negras/aos no Brasil, a autora se reconhece e melhor se compreende enquanto mulher negra. A escrita, desta forma, torna-se espaço de luta e de libertação. Consoante Gonçalves (2018), a literatura é um espaço de possibilidades e, por meio das duas identidades complementares, mulher e negra, sua escrita é consolidada: “a partir desses dois lugares que experimento o mundo, e é também neles que busco as histórias que me interessa contar, esperando que não sejam lugares limitadores, mas de inclusão e colaboração com o projeto de narrativa da experiência humana”.

O romance *Um defeito de cor* ganhou forma a partir da mudança de Ana Maria Gonçalves de São Paulo para a Bahia e de pesquisas historiográficas. A escritora revela que a obra:

nasceu da minha vontade de entender melhor o que foi a Revolução Malê, tão importante quanto curiosa, pois se trata de uma rebelião coordenada por escravos mulçumanos em plena Bahia, em 1835, e da qual passei todo o meu período escolar sem ter tomado conhecimento. Acredito que um interesse maior sobre esse assunto tenha surgido depois da invasão do Iraque, mas antes era mais conhecida apenas na Bahia e por estudiosos da história colonial e africanistas. Depois, quando ouvi falar de Luísa Mahin, o romance tomou outro rumo e a Revolução Malê acabou se concentrando mais em apenas um dos dez capítulos (GONÇALVES, 2018).

Assim como Ana Maria Gonçalves, Luz Argentina Chiriboga tece palavras que encontram suas experiências de vida, assim como as do povo negro e transcende os limites geográficos e temporais. Por meio de suas narrativas, Chiriboga apresenta personagens, espaços, tramas e outros aspectos que problematizam a dominância e as violências coloniais e exalta o protagonismo das/os negras/os na luta pela liberdade e na exaltação das raízes negro-africanas no Equador. Conforme Chiriboga:

Mi obra es una toma de consciencia histórica y social de negritud, vibra con mitos, leyendas, canciones, danzas, y enlaza con ternura el pasado con el presente. En el Ecuador no se ha superado del todo aquel sentimiento soterrado de odio contra las personas que están fuera del conglomerado blanco, porque las encuentran diferentes y débiles. Para justificar su sentimiento lo disfrazan atribuyéndoles defectos: crueldad, ociosidad, resentimiento, atraso, traición, etc. Los programas de educación impartidos en los jardines de infantes, escuelas y colegios no enseñan los valores de la cultura afroecuatoriana, y lo que no se conoce no se ama (CHIRIBOGA, 2000, p. 274).

As afrografias e as vozes das personagens de Ana Maria Gonçalves e de Luz Argentina Chiriboga são sopros ancestrais que rompem o silenciamento de séculos. E é nítido que, ao rasurar espaços tidos como hegemônicos, causam desconforto e tendem a seculares tentativas de apagamento, visto o medo o qual sinaliza a escritora e psicóloga Grada Kilomba:

Existe um medo apreensivo de que, se o(a) colonizado(a) falar, o(a) colonizador(a) terá que ouvir e seria forçado(a) a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do “Outro”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas e mantidas guardadas, como segredos. Eu realmente gosto desta frase “quieto como é mantido”. Esta é uma expressão oriunda da diáspora africana que anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2016).

Em seus movimentos contracoloniais, Gonçalves e Chiriboga cumprem, desde um olhar de dentro e em desacordo com as omissões estabelecidas por uma sociedade patriarcal e

racista, o papel da inscrição e da escrita de história de negras e negros em África e nas Américas. Portanto, mesmo que produções literárias afrodiáspóricas diferenciem-se, levando em conta subjetividades, trajetórias e contextos sócio-culturais-históricos distintos, existem confluências nas experiências de ser mulher negra no Brasil, no Equador, na América Latina e, a partir delas, “se abre num leque de emoções abrangentes a partir da visão da cidadã-mulher-escritora, vivenciando e reagindo com ações e sentimentos frente aos desafios de vencer os obstáculos impostos pelas discriminações e preconceitos raciais e sexistas” (ALVES, 2010, p. 186).

É parte escrita-leitura de mulheres negras o compartilhamento de um espaço de autodefinição e autodeterminação que não diz respeito à individualização, e, sim, à coletividade. As escritoras apresentadas neste trabalho expressam intelectuais negras que, para Patricia Hill Collins (2019, p.6), “firmaram bases analíticas cruciais para uma visão diferente do eu, da comunidade e da sociedade”.

3. Mulher negra com a palavra: Ana Maria Gonçalves

Ana Maria Gonçalves (Minas Gerais, Brasil, 1970-), em seu segundo livro, *Um defeito de cor*, tece a trajetória da menina negra de oito anos capturada no Daomé e escravizada no Brasil. Em uma narrativa que abrange 80 anos de história, é possível compreender – pelo olhar da personagem Kehinde – o contexto histórico do Brasil escravagista do século XIX. Este livro, que recebeu o Prêmio Casa de las Américas, traz como protagonista a leitura de uma mulher negra muito importante no Levante dos Malês: Luísa Mahin. A travessia forçada pelo Atlântico também é relatada em *Um defeito de cor*:

Durante dois ou três dias, não dava para saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam de falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e de fezes. [...] As pessoas enjoaram, inclusive nós, que vomitamos o que não tínhamos no estômago, pois não comíamos desde o dia da partida, colocando boca afora apenas o cheiro azedo que foi tomando conta de tudo. O corpo também doía, jogado contra o chão duro, molhado e frio, pois não tínhamos espaço para uma posição confortável. Quando uma pessoa queria se mexer, as que estavam ao lado dela também tinham que se mexer, o que sempre era motivo de protestos. Tudo o que queríamos saber era se ainda estávamos longe do estrangeiro, e alguns diziam que já tinham ouvido falar que a viagem poderia durar meses, o que provocou grande desespero (GONÇALVES, 2017, p.48-49).

A criação da personagem Kehinde, que também é narradora da história, é concretizada pelas memórias ancestrais de Ana Maria Gonçalves ao recordar que, quando criança, ouvia as histórias contadas por sua avó. A voz da avó era a voz que Gonçalves queria para o livro,

uma vez que “a história de Kehinde é uma história contada”. Um defeito de cor é sistematizado como uma longa carta de uma mãe para o filho perdido, desse modo Ana Maria Gonçalves delinea as possíveis trajetórias das figuras de Luísa Mahin e Luiz Gama, e que são justificadas no prólogo da obra:

esta pode não ser uma simples história, pode não ser uma história de uma anônima, mas sim de uma escrava muito especial, alguém de cuja existência não se tem confirmação, pelo menos até o momento em que escrevo esta introdução. Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham em acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas, que apareciam para salvá-los da condição desumana em que viviam. Ou então uma lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe apenas até os sete anos, idade em que pais e mães são grandes heróis para os filhos. Ainda mais quando observados por mentes espertas e criativas, como era o caso deste filho do qual estou falando, que nasceu livre, foi vendido ilegalmente como escravo, e mais tarde se tornou um dos primeiros maçons e um dos mais notáveis defensores dos escravos e da abolição da escravatura. Um homem inteligente e batalhador que, tendo nascido de uma negra e um fidalgo português que nunca o reconheceu como filho, conseguiu se tornar advogado e passou a vida defendendo aqueles que não tiveram a sorte ou as oportunidades que ele tão bem soube aproveitar. O que você vai ler agora talvez seja a história da mãe deste homem respeitado e admirado pelas maiores inteligências de sua época, como Rui Barbosa, Raul Pompéia e Silvio Romero. Mas também pode não ser. E é bom que a dúvida prevaleça até que, pelo estudo do manuscrito, todas as possibilidades sejam descartadas ou confirmadas, levando-se em conta o grande número de coincidências, como nomes, datas e situações (GONÇALVES, 2017, p.17).

A esperança de anos pelo reencontro entre mãe e filho transfigura-se em uma carta-relato que descreve o contexto sócio-histórico da época em uma escrita que amálgama memórias, explicitações, afetos, dores, e, principalmente, prenuncia um legado para o filho Omotunde e para filhas e filhos de um futuro incerto. Segundo a pesquisadora Fernanda R. Miranda:

O romance constrói uma narrativa para o cotidiano de uma mulher negra em suas relações, negociações, buscas, frustrações, alegrias, amores, enfim, enquanto um sujeito que vive e resiste à morte (do corpo, da memória, e da agência). Escrava, alforriada, fugida e livre, Kehinde experimentou todos os estados em que no passado se categorizou a vida da pessoa negra, e em todos eles produziu saídas e vias de existência (MIRANDA, 2019, p. 312).

Além de o romance ser considerado como um relato de mãe para o filho, existe, na obra, o olhar e as vivências de uma mulher negra que testemunha os atos desumanos instaurados pelo sistema escravocrata e critica as marcas do colonialismo que vigorou no Brasil até o século XIX.

4. Mulher negra com a palavra: Luz Argentina Chiriboga

Luz Argentina Chiriboga (Esmeraldas, Equador, 1940-) é uma ativista dos direitos dos negros no Equador e sua larga produção literária abrange temas relacionados à negritude com enfoque ao protagonismo de mulheres negras. A novela *Jonatás y Manuela*, publicada no ano de 1994, foi escrita em terceira pessoa, está dividida em duas partes e contém 13 capítulos.

Ainda que não seja possível precisar o período em que se passa a história, a narrativa dá indícios que esta ocorreu entre o final do século XVIII e início do século XIX. Tal entendimento ocorre devido ao fato de Chiriboga situar as leitoras e leitores acerca de figuras da dita historiografia oficial, como Simón Bolívar e os processos de independência da América Latina hispânica, bem como dos levantes cimarrones². Sobre a escrevivência de Luz Argentina Chiriboga, a pesquisadora e professora Sandra Carbajal García afirma que a obra da escritora afroequatoriana:

Se trata de dirigir otra mirada a la historia ecuatoriana para, al recordar el pasado de la esclavitud, cuestionar la historia oficial, interpelar el proyecto de construcción de la nación ecuatoriana y testificar la experiencia del afroecuatoriano como sujeto excluido del orden político y social. Tal es el sentido que alcanza la acción que emprende la autora para reivindicar los derechos humanos de su raza, y específicamente los de la mujer (CARBAJAL, 2020, p.110).

A narrativa tem início quando Balunda, batizada pela colonização de Rosa Jumandi, é sequestrada em África e escravizada no continente americano, assim como sua filha, Nasakó, que recebeu o nome Juana Carabalí pelos colonizadores europeus. Nasakó teve uma filha, nascida já na América, nomeada de Nasakó Zansi, que teve o nome Jonatás imposto pelos colonizadores. Sob as cruéis condições de escravização, ficam evidentes as (re)existências de Balunda acerca de sua identidade e história, estas formas de reexistir foram herdadas por Jonatás que personifica o corpo-memória. Tal como Ana Maria Gonçalves, Luz Argentina Chiriboga narra, já nas páginas iniciais, a desumana travessia de África para a América em navios negreiros:

Al caer la tarde todos fueron trasladados a tres goletas que izaron enseguida sus velas. Los futuros esclavos bajaron por la boca de la escotilla a las bodegas abarrotadas de mosquitos, roedores y cautivos con el mismo destino. BLunda clama y, al instante, el jefe de cuadrilla la toma por la cabellera y la amenaza si repite sus gritos. A través de su asombro, percibe el hedor de la bodega. Los hombres apestan a sudores macerados, las mujeres apestan a menstruación, los niños apestan a orines guardados, el aire apesta a cosas descompuestas, hasta ella misma se sintió apesosa a vómitos vaciados sobre su piel. Encerrada en aquel lugar, no se resigna a saberse prisionera e ignorante de su destino (CHIRIBOGA, 1994, p. 20-21).

² “En Latinoamérica, se llamó cimarrón a los esclavos rebeldes, algunos de ellos fugitivos, que llevaban una vida de libertad en rincones apartados de las ciudades o en el campo denominados palenques o quilombos”. Disponível em: https://www.ecured.cu/Cultura_material_de_los_cimarrones. Acesso em 29 mar.2021.

Grande parte da narrativa situa-se no Valle de Chota, no Equador, onde Jonatás viveu após ser comprada por Simón Saénz, um senhor de escravos de origem espanhola. Jonatás esteve predestinada a ser uma “escrava” de companhia de Manuela Saénz, filha ilegítima de Simón Saénz. Quanto à personagem Jonatás, Carbajal afirma que ela:

cumple el cometido de revelar una nueva versión de la historia ecuatoriana, latinoamericana y del mundo, narrada desde la voz de la mujer negra. Una historia jamás contada y que Argentina tiene la valentía de narrar, ya que en Jonatás y Manuela no solo queda expuesta la vulneración y violencia que sufrieron las esclavas producto de su sujeción sexual y de las múltiples formas de flagelaciones y violaciones a su cuerpo y espíritu, sino que la obra configura, claramente, la imagen de la esclava como creadora de la cultura y como portadora de los ideales de la independencia (CARBAJAL, 2020, p.112).

Para o Doutor em Estudos Culturais Santiago Arboleda Quiñonez, em entrevista a Carbajal, a obra de Chiriboga tem impacto mundial de forma muito significativa tanto por apresentar a perspectiva das mulheres quanto por ser uma crítica social. Ademais:

El trabajo que realiza Chiriboga tiene un valor literario y cultural para todos. Claro está que también tiene un impacto para los estudios afrodescendientes, andinos y mestizos, pero ese no es el punto de partida. Si lo suscribimos al campo de los estudios afrodescendientes, Argentina invita a reevaluar las imágenes y las identidades de lo afroandino y lo afrolatinoamericano, a partir de la construcción de una nueva estética, poética y política, de las dos categorías señaladas (CARBAJAL, 2020, p.119).

A personificação de Jonatás, assim como de Kehinde, desfaz a concepção de subserviência atribuída a escravizadas e escravizados. Estas personagens, às suas maneiras, rompem com as perspectivas da colonialidade, e com atos de bravura reestruturam-se diante das adversidades e da necessidade de ter domínio sobre o corpo objeto que se faz corpo sujeito.

5. Considerações (quase) finais: escrituras entrecruzadas

Na Diáspora forçada, fugindo à coisificação imposta pela escravização, os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizam suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras (SOUZA, 2007, p. 30).

É oportuno apontar que as personagens Kehinde e Jonatás personificam os rastros e resíduos (GLISSANT, 2005) africanos na América, uma vez que resgatam memórias e subjetividades da ancestralidade acionando, sobremaneira, saberes das avós Dúrójaiyé e Balunda, respectivamente. Para Glissant (2005, p. 19):

Os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento

em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua. O que acontece com esse migrante? Ele recompõe, através de rastros/resíduos, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos.

As duas obras apontam para a colonização nas Américas e os efeitos da migração forçada, que não são lineares. Entre estes, estão o desgarramento do território de origem, o direito negado à história ancestral e aos laços familiares. A subtração do nome, como forma de negação colonial à condição humana de africanas e africanos, e a imposição de um nome cristão configurou e simbolizou esta dinâmica e foi apontada em ambas as obras. São exemplos do diálogo e das confluências entre as duas narrativas os excertos a seguir. Em *Jonatás y Manuela*, a narradora conta:

Reiteró la ceremonia en cada una de las prisioneras. Nasakó, al tocarle su turno, lloró y fue bautizada con el nombre de Juana Carabalí. Mina fue Carmen Taté. Fueron advertidas que serían castigadas en caso de continuar usando sus nombres anteriores. El hombre blanco, dueño de cañaverales, les había robado lo último que les quedaba, sus nombres (CHIRIBOGA, 1994, p. 37).

Já em *Um defeito de cor*:

Foi então que ficamos sabendo o motivo da demora no embarque dos homens, pois os brancos tinham batizado todos eles com nomes que chamavam de nomes cristãos, nomes de brancos, e àquele homem da perna machucada, de acordo com um outro que estava logo atrás dele na fila, tinham dado o nome de João. Soubemos que o padre que fez os batizados tinha chegado atrasado, depois do embarque das mulheres. Os guardas colocaram os homens em fila e, um por um, tiveram que dizer o nome africano, o que podia ser revelado, é claro, e o lugar onde tinham nascido, que eram anotados em um livro onde também acrescentavam um nome de branco. Era esse nome que eles tinham que falar para o padre, que então jogava água sobre suas cabeças e pronunciava algumas palavras que ninguém entendia. Sabiam apenas que era com tal nome que teriam que se apresentar no estrangeiro (GONÇALVES, 2017, p. 49).

No contrafluxo do sistema colonial, as protagonistas, criadas por Gonçalves e Chiriboga, forjam espaços e se mantêm conectadas à identidade ancestral. Na narrativa de Gonçalves (2017, p.73): “Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nana, por Xangô, por Oxum, pelos Ibêjis e principalmente pela Taiwo.” E em Chiriboga (1994, p.76): “Ella grabó su apellido en el recuerdo de los que en la travesía lo perdieron, de los guindados en los mástiles.” Nas duas obras, as mulheres negras são sujeitas de suas ações e, como agentes incumbem-se das reflexões, dos pensamentos, dos saberes e fazeres que não são individuais, e, sim, transversais à coletividade.

Assim, tais criações literárias acordam com as estratégias do fazer literário inserido em espaços de segregação e violência apontadas por Deleuze e Guattari (1977, p. 26-27) em que “o caso individual é imediatamente ligado à política” e, desta forma, “tudo nela adquire um valor coletivo”. Acredito nisso pelo olhar e pela leitura das obras supracitadas de Ana Maria Gonçalves e Luz Argentina Chiriboga, bem como de suas trajetórias enquanto ser-estar mulheres negras em espaços que foram colonizados e que ainda carregam marcas da colonialidade. São pertinentes a reflexão e a compreensão destas escritas a partir da leitura do texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, em que a intelectual chicana Gloria Anzaldúa salienta:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrito compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Desta maneira, estabelecer contatos entre as escrevivências de mulheres negras em diferentes países – neste caso, Brasil e Equador –, com suas especificidades, favorece uma aproximação da experiência de colonização na América Latina e se configura como oportunidade de visibilidade a um movimento de mulheres negras descolonizado com o intuito de restituir memórias. Dialogar com o tempo, estreitar os laços com a memória ancestral, reencontrar possíveis caminhos a partir das palavras daquelas que vieram antes de nós. Estas ações conduzem de distintas e potentes formas a recepção de escritos literários de/para mulheres negras.

Analisar as obras *Um defeito de cor* e *Jonatás y Manuela* configura-se também em explorar as estratégias sagazes da escritora de denúncia, à época, ao regime escravagista permeado pelo discurso branco-colonial-hegemônico, além de expressar o encontro com a memória coletiva de ser negra/o. Estas leituras nos conduzem à compreensão do corpo enquanto memória, existência e pertencimento, trata-se, portanto, de, por meio de reconstrução histórica, relacionar narrativas de passado e de presente. As personagens Kehinde e Jonatás, sob este prisma, podem ser lidas como personificações da encruzilhada de vivências e dos trânsitos que são causa e consequência de ser mulher negra na América.

Referências

ALVES, Miriam. *Brasil afroautorrevelado: literatura brasileira contemporânea*. Nandyala Livraria Editora, 2010.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BARR, Shirley Campbell. Letras e vozes da diáspora negra. In: FERNANDES, Jaqueline; PINTO, Ana Flávia Magalhães, DECHEN, Chaia (orgs.). *Griôs da diáspora negra*. Brasília: Griô, 2017, p. 21-31.

CARBAJAL, Sandra. Literatura, raza y género: tres entrevistas a la Luz de la obra de Argentina Chiriboga. *Textos y Contextos* (segunda época), [S. l.], v. 1, n. 21, p. 109 - 122, 2020a. Disponível em: <https://revistadigital.uce.edu.ec/index.php/CONTEXTOS/article/view/2508>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, 06 mar. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 26 mar. 2021

CHIRIBOGA, Luz Argentina. *Jonatás y Manuela*. Quito: Editorial Casa de la Cultura Ecuatoriana, 1994.

CHIRIBOGA, Luz Argentina. *Narradoras ecuatorianas de hoy*. Una antología crítica. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo Editorial, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe*, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.) *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 09-11.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 15 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. Entrevista Concedida a Cláudia Lamego, 2018. Disponível em: <https://www.record.com.br/um-defeito-de-cor-de-ana-maria-goncalves/> Acesso em 23 mar. 2021.

GONZALEZ, Lélia A categoria político-cultural de amefricanidade (1988). In: GONZALEZ, Lélia: Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana: Ed. Filhos da África, 2018.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento*. PALESTRA-PERFORMANCE. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2016. Disponível em: <https://mitsp.org/2016/portfolio/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra-performance-de-grada-kilomba/> Acesso em: 25 mar. 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2014000300013&lng=en&nrm=iso Acesso em: 29 mar. 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do rosário do jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra (1985). In: RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

SOBRAL, Cristiane. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. In: FREDERICO, Grazielle; MOLLO, Lúcia Tormin; DUTRA, Paula Queiroz. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 51, p. 254-258, Ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231640182017000200254&lng=en&nrm=iso Acesso em: 29 mar. 2021.

SOUZA, Florentina. Memória e performance nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.